

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO II

JULHO DE 1859

Nº 7

Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas

DISCURSO DE ENCERRAMENTO DO ANO SOCIAL 1858-1859

Senhores,

No momento em que expira o vosso ano social, permiti-vos apresente um breve resumo da marcha e dos trabalhos da Sociedade.

Conheceis a sua origem: ela foi formada sem desígnio premeditado, sem projeto preconcebido. Alguns amigos se reuniram em minha casa num pequeno comitê; pouco a pouco esses amigos me pediram permissão para apresentar seus amigos. Então não havia um presidente: eram reuniões íntimas, de oito a dez pessoas, semelhantes às que existem às centenas em Paris e alhures. Todavia, era natural que em minha casa eu tivesse a direção do que ali se fazia, seja como dono, seja também em decorrência dos estudos especiais que havia feito e que me davam certa experiência na matéria.

O interesse que despertavam essas reuniões ia crescendo, embora não nos ocupássemos senão de coisas muito

sérias; pouco a pouco, um a um foi crescendo o número dos assistentes, de tal forma que o meu modesto salão, muito pouco adequado para uma assembléia, tornou-se insuficiente. Foi então que alguns dentre vós propuseram que se procurasse outro cômodo e que nos cotizássemos para cobrir as despesas, pois não achavam justo que eu as suportasse sozinho, como até então ocorria. Entretanto, para nos reunirmos regularmente, além de um certo número e num local diferente, era necessário que nos conformássemos com as prescrições legais, ter um regulamento e, conseqüentemente, um presidente designado. Enfim, era preciso constituir-se uma sociedade; foi o que aconteceu, com o assentimento da autoridade constituída, cuja benevolência não nos faltou. Era também necessário imprimir aos trabalhos uma direção metódica e uniforme, e decidistes encarregar-me de continuar aquilo que fazia em casa, nas nossas reuniões privadas.

Dei às minhas funções, que posso dizer laboriosas, toda a exatidão e todo o devotamento de que fui capaz. Do ponto de vista administrativo, esforcei-me por manter nas sessões uma ordem rigorosa e lhes dar um caráter de gravidade, sem o qual o prestígio de assembléia séria logo teria desaparecido. Agora que minha tarefa está terminada e que o impulso foi dado, devo comunicar-vos a resolução que tomei, de futuramente renunciar a qualquer tipo de função na Sociedade, mesmo a de diretor de estudos. Não ambiciono senão um título: o de simples membro titular, com o qual me sentirei sempre honrado e feliz. O motivo de minha determinação está na multiplicidade de meus trabalhos, que aumentam diariamente pela extensão de minhas relações, considerando-se que, além daqueles que conheceis, preparo outros mais consideráveis, que exigem longos e laboriosos estudos e por certo não absorverão menos de dez anos¹². Ora, os trabalhos da Sociedade não deixam de tomar muito tempo, tanto na preparação

12 **N. do T.:** Allan Kardec não poderia ter sido mais exato em sua previsão, considerando-se que então lhe restavam precisamente dez anos de atividades na seara espírita, antes de desencarnar em Paris em 31 de março de 1869.

quanto na coordenação e na redação final. Além disso, reclamam uma assiduidade por vezes prejudicial às minhas ocupações pessoais e tornam indispensável a iniciativa quase exclusiva que me conferistes. É por essa razão, senhores, que tantas vezes tive de tomar a palavra, lamentando que os membros eminentemente esclarecidos que possuímos nos privassem de suas luzes. Há muito eu desejava demitir-me de minhas funções; deixei isso bastante claro em diversas circunstâncias, seja aqui, seja em particular, a vários de meus colegas, notadamente ao Sr. Ledoyen. Tê-lo-ia feito mais cedo, sem receio de trazer perturbação à Sociedade, retirando-me ao meio do ano, mas poderia parecer uma defecção, além do que me veria obrigado a dar satisfação aos nossos adversários. Tive, pois, de cumprir a minha tarefa até o fim. Hoje, porém, que tais motivos não mais subsistem, apresso-me em vos dar parte de minha resolução, a fim de não entravar a escolha que fareis. É justo que cada um participe dos encargos e das honras.

Há um ano a Sociedade viu crescer rapidamente a sua importância; o número de membros titulares triplicou em alguns meses; tendes numerosos correspondentes nos dois continentes, e os ouvintes teriam ultrapassado o limite do possível se não puséssemos um freio pela estrita execução do regulamento. Entre estes últimos, contastes as mais altas notabilidades sociais e mais de uma figura ilustrada. A pressa com que solicitam admissão em vossas sessões testemunha o interesse que elas despertam, não obstante a ausência de qualquer experimentação destinada a satisfazer a curiosidade ou, talvez, em razão de sua própria simplicidade. Se nem todos saem convencidos, o que seria exigir o impossível, as pessoas sérias, as que não vêm com a idéia preconcebida de denegrir, levam da seriedade de vossos trabalhos uma impressão que as predispõe a aprofundar essas questões. Aliás, não temos senão que aplaudir as restrições que fizemos à admissão de ouvintes estranhos, assim evitando uma multidão de curiosos importunos. A medida pela qual limitastes essa admissão a determinadas sessões, reservando as demais apenas para os

membros da Sociedade, teve como resultado conceder-vos mais liberdade nos estudos, que poderiam ser dificultados pela presença de pessoas ainda não iniciadas e cuja simpatia não estivesse assegurada.

Essas restrições parecerão muito naturais aos que conhecem a finalidade de nossa instituição e sabem que somos, antes de tudo, uma Sociedade de estudos e de pesquisas, e não uma arena de propaganda. É por essa razão que não admitimos em nossas fileiras aqueles que, não possuindo as primeiras noções da ciência, nos fariam perder tempo em demonstrações elementares, incessantemente repetidas. Desejaríamos, sem dúvida, a propagação das idéias que professamos, porque as julgamos úteis e, para isso, cada um de nós contribui com a sua parte. Sabemos, no entanto, que a convicção só é adquirida em observações seguidas, e não por meio de alguns fatos isolados, sem continuidade e sem raciocínio, contra os quais a incredulidade sempre poderá levantar objeções. Dir-se-á que um fato é sempre um fato; sem dúvida é um argumento irretorquível, desde que não seja contestado nem contestável. Quando um fato sai do círculo de nossas idéias e de nossos conhecimentos, à primeira vista parece impossível; quanto mais extraordinário for, maiores objeções levantará. Eis por que o contestam. Aquele que lhe sonda a causa e a descobre encontra-lhe uma base e uma razão de ser; compreende a sua possibilidade e, desde então, não mais o rejeita. Muitas vezes um fato não é inteligível senão por sua ligação com outros fatos; tomado isoladamente, pode parecer estranho, incrível, absurdo mesmo. Mas se for um dos elos da cadeia, se tiver uma base racional, se se puder explicá-lo, desaparecerá qualquer anomalia. Ora, para conceber esse encadeamento, para apreender esse conjunto a que somos conduzidos de conseqüência em conseqüência, é necessário em todas as coisas, e talvez no Espiritismo mais ainda, uma série de observações racionais. O raciocínio é, pois, um poderoso elemento de convicção, hoje mais do que nunca, em que as idéias positivas nos levam a saber o porquê e o como de cada coisa.

Surpreendemo-nos com a persistente incredulidade, em matéria de Espiritismo, da parte de pessoas que viram, enquanto outras, que nada viram, são crentes inabaláveis. Seriam estas últimas criaturas superficiais, que aceitam sem exame tudo quanto se lhes diz? Não; é exatamente o contrário: os primeiros viram, mas não compreendem; os segundos não viram, mas compreendem; e somente compreendem porque raciocinam. O conjunto dos raciocínios sobre os quais se apóiam os fatos constitui a ciência, ciência ainda muito imperfeita, é verdade, cujo apogeu ninguém pretende ter atingido; enfim, uma ciência em seus primórdios, e vossos estudos se dirigem para a pesquisa de tudo quanto possa alargá-la e constituí-la. Eis o que importa seja bem-sabido fora deste recinto, a fim de que não haja equívoco sobre o objetivo a que nos propomos; sobretudo, a fim de não pensarem encontrar, ao virem aqui, uma exibição de Espíritos a se oferecerem em espetáculo.

A curiosidade tem um termo. Quando está satisfeita procura um novo motivo para distração; aquele que não se detém na superfície, que vê além do efeito material, tem sempre alguma coisa a aprender; para ele o raciocínio é uma fonte inesgotável: não tem limites. Aliás, nossa linha de conduta não poderia ser melhor traçada do que por essas admiráveis palavras que o Espírito São Luís nos dirigiu, e que não deveríamos jamais perder de vista: “Zombaram das mesas girantes, mas não zombarão jamais da filosofia, da sabedoria e da caridade que brilham nas comunicações sérias. Que vejam aqui, que escutem ali, mas que entre vós haja *compreensão* e amor.”

Essas palavras: *Que entre vós haja compreensão*, encerram todo um ensinamento. Devemos compreender, e procuramos compreender, porque não queremos crer como cegos: o raciocínio é o facho luminoso que nos guia. Mas o raciocínio de uma só pessoa pode transviar-se, razão por que quisemos nos reunir em sociedade, a fim de nos esclarecermos mutuamente pelo concurso recíproco de nossas idéias e observações. Ao nos colocarmos neste

terreno, assimilamos todas as outras instituições científicas e os nossos trabalhos produzirão mais prosélitos sérios do que se passarmos o tempo a fazer com que as mesas se movam e dêem pancadas. Em breve estaríamos fartos disso. Nosso pensamento exige um alimento mais sólido, daí por que buscamos penetrar os mistérios do mundo invisível, cujos primeiros indícios são esses fenômenos elementares. Os que sabem ler se divertem a repetir sem cessar o alfabeto? Talvez tivéssemos maior afluência de curiosos, que se sucederiam em nossas sessões como personagens de um panorama mutável. Mas esses curiosos, que não poderiam improvisar uma convicção pela visão de um fenômeno para eles inexplicado, que o julgariam sem nele se aprofundarem, seriam antes um obstáculo aos nossos trabalhos. Eis por que, não nos querendo desviar de nosso caráter científico, afastamos todos quantos não se deixarem atrair por um objetivo sério. O Espiritismo tem conseqüências de tal gravidade, toca em questões de alcance tão elevado, fornece a chave de tantos problemas; enfim, nele haurimos tão profundos ensinamentos filosóficos que, ao lado de tudo isso, uma mesa girante é mera infantilidade.

Dizíamos que a observação dos fatos sem o raciocínio é insuficiente para levar a uma completa convicção, sendo considerada leviana a pessoa que se declarasse convencida de um fato cuja compreensão lhe escapasse. Essa maneira de proceder tem outro inconveniente que deve ser assinalado e do qual cada um de nós pode dar testemunho: é a mania da experimentação, que é a sua conseqüência natural. Aquele que vê um fato espírita, sem lhe haver estudado todas as circunstâncias, geralmente não vê senão o fato material e, desde então, o julga do ponto de vista de suas próprias idéias, sem pensar que, fora das leis conhecidas pode e deve haver leis desconhecidas. Acredita poder manobrá-lo à vontade, impõe condições e somente se deixará convencer se o fato ocorrer de uma certa maneira, e não de outra. Imagina que se fazem experiências com os Espíritos como se estes fossem uma pilha elétrica; não lhes conhecendo a natureza, nem a sua maneira

de ser, porquanto não as estudaram, supõe ser possível impor-lhes a vontade e pretende que eles devam agir a um simples sinal, pelo mero prazer de convencê-lo. Porque se dispõe a ouvi-los durante um quarto de hora, imagina que devem ficar às suas ordens. Esses são os erros em que não caem os que se dão ao trabalho de aprofundar os estudos; conhecem os obstáculos e não exigem o impossível. Em lugar de quererem convencer de seu ponto de vista os Espíritos, coisa a que estes não se prestam de bom grado, colocam-se no ponto de vista dos Espíritos, o que faz com que os fenômenos mudem de aspecto. Para isso necessitamos de paciência, perseverança e uma vontade firme, sem a qual não se chegará a coisa alguma.

Aquele que realmente quer saber deve submeter-se às condições da coisa estudada, e não querer que esta se submeta às suas próprias condições. Eis por que a Sociedade não se presta a experimentações que não dariam resultado, visto saber, por experiência, que o Espiritismo, como qualquer outra ciência, não se aprende por osmose e em algumas horas. Como é uma Sociedade séria, só quer tratar com gente séria, que compreende as obrigações impostas por semelhante estudo, caso se queira fazê-lo conscienciosamente. Ela não reconhece como sérios os que dizem: Deixem que eu veja um fato e me convencerei. Significa isso que desprezamos os fatos? Muito ao contrário, pois toda a nossa ciência está baseada nos fatos. Pesquisamos com interesse todos aqueles que nos oferecem um objeto de estudo ou confirmam princípios admitidos. Quero apenas dizer que não perdemos tempo em reproduzir os fatos que já conhecemos, do mesmo modo que um físico não se diverte em repetir incessantemente experiências que nada lhe ensinam de novo. Dirigimos nossas investigações sobre tudo quanto possa esclarecer a nossa marcha, fixando-nos de preferência às comunicações inteligentes, fontes da filosofia espírita, cujo campo é ilimitado e bem mais amplo do que as manifestações puramente materiais, que só despertam interesse momentâneo.

Dois sistemas igualmente preconizados e praticados se apresentam na maneira de receber as comunicações de além-túmulo; uns preferem esperar as comunicações espontâneas; outros as provocam por um apelo direto, dirigido a este ou àquele Espírito. Pretendem os primeiros que na ausência de controle para se constatar a identidade dos Espíritos, esperando a sua boa vontade ficamos menos expostos a ser induzidos em erro; uma vez que o Espírito fala, só o fará se estiver presente e quiser falar, ao passo que não temos certeza se aquele que chamamos pode vir ou responder. Os outros objetam que deixar falar o primeiro que aparecer é abrir a porta aos bons e maus. A incerteza da identidade não é uma objeção séria, pois muitas vezes dispomos de meios para constatá-la, sendo aliás essa constatação objeto de um estudo vinculado aos próprios princípios da ciência. O Espírito que fala espontaneamente limita-se quase sempre às generalidades, enquanto as perguntas lhe traçam um quadro mais positivo e mais instrutivo. Quanto a nós, não condenamos senão os sistemas exclusivistas. Sabemos que são obtidas excelentes coisas de um e de outro modo e, se damos preferência ao segundo, é porque a experiência nos ensina que nas comunicações espontâneas os Espíritos mistificadores não vacilam em adornar-se de nomes respeitáveis, como também ocorre nas evocações. Têm mesmo o campo mais livre, ao passo que no sistema de perguntas nós os dominamos muito mais facilmente, sem contar que as questões são de incontestável utilidade nos estudos. Deve-se a esse modo de investigar a quantidade de observações que recolhemos diariamente e que nos fazem penetrar mais profundamente nesses extraordinários mistérios. Quanto mais avançamos, mais se nos dilata o horizonte, mostrando o quanto é vasto o campo que nos compete ceifar.

As numerosas evocações que temos feito permitiram-nos que dirigíssemos o olhar investigador sobre o mundo invisível, da base até o ápice, isto é, naquilo que ele tem de mais ínfimo quanto de mais sublime. A inumerável variedade de fatos e de

caracteres emanados desses estudos, realizados com profunda calma, sustentada atenção e prudente circunspeção de observadores sérios, abriu-nos os arcanos desse mundo, para nós tão novo. A ordem e o método utilizados em vossas pesquisas eram elementos indispensáveis para o sucesso. Com efeito, já sabeis pela experiência que não basta chamar casualmente o Espírito de tal ou qual pessoa. Os Espíritos não vêm assim ao sabor de nosso capricho, nem respondem a tudo quanto a fantasia nos leva a lhes perguntar.

Com os seres de além-túmulo necessitamos de habilidade e de uma linguagem apropriada à sua natureza, às suas qualidades morais, ao grau de sua inteligência e à posição que ocupam; ser com eles dominador ou submisso, conforme as circunstâncias, compassivo com os que sofrem, humilde e respeitoso com os superiores, firme com os maus e os voluntariosos, que só subjugam aqueles que os escutam complacentemente. Enfim, é preciso saber formular e encadear metodicamente as perguntas, para que sejam obtidas respostas mais explícitas, assimilando nas respostas as nuances que muitas vezes constituem traços característicos e revelações importantes que escapam ao observador superficial, inexperiente ou ocasional. A maneira de conversar com os Espíritos é, pois, uma verdadeira arte, que exige tato, conhecimento do terreno que pisamos, constituindo, a bem dizer, o Espiritismo prático. Sabiamente dirigidas, as evocações podem ensinar grandes coisas; oferecem um potente elemento de interesse, de moralidade e de convicção: de interesse, por nos fazerem conhecer o estado do mundo que a todos nos aguarda e do qual algumas vezes fazemos uma idéia tão extravagante; de moralidade, porque nelas podemos ver, por analogia, nossa sorte futura; de convicção, porque nessas conversações íntimas encontramos a prova manifesta da existência e da individualidade dos Espíritos, que nada mais são do que nossas próprias almas, desprendidas da matéria terrestre. Estando formada a vossa opinião sobre o Espiritismo, não tendes necessidade de

assentar as vossas convicções na prova material das manifestações físicas. Também quisestes, aconselhados pelos Espíritos, ater-vos ao estudo dos princípios e dos problemas morais, sem, por isso, negligenciar o exame dos fenômenos que podem auxiliar a pesquisa da verdade.

A crítica contumaz censurou-nos por aceitarmos muito facilmente as doutrinas de certos Espíritos, sobretudo no que diz respeito às questões científicas. Tais pessoas revelam, por isso mesmo, que ignoram o verdadeiro objetivo da ciência espírita, assim como desconhecem aquele a que nos propomos, facultando-nos o direito de lhes devolver a censura de leviandade com que nos julgaram. Certamente não nos compete ensinar a reserva com a qual deve ser acolhido aquilo que vem dos Espíritos; estamos longe de tomar todas as suas palavras como artigos de fé. Sabemos que entre eles há os que se encontram em todos os graus, de saber e de moralidade; para nós, é uma população que apresenta variedades muito mais numerosas que as que percebemos entre os homens; o que queremos é estudar essa população; é chegar a conhecê-la e compreendê-la. Para isto, estudamos as individualidades, observamos as pequenas diferenças e procuramos apreender os traços distintivos de seus costumes, de seus hábitos e de seu caráter; enfim, queremos nos identificar tanto quanto possível com o estado desse mundo.

Antes de ocupar uma residência queremos saber como é ela, se ali estaremos confortavelmente instalados, assim como conhecer os hábitos dos vizinhos e o tipo de sociedade que poderemos freqüentar. Pois bem! É a nossa morada futura, são os costumes do povo em meio ao qual iremos viver que os Espíritos nos dão a conhecer. Mas, assim como entre nós há pessoas ignorantes e de visão acanhada, que fazem uma idéia incompleta de nosso mundo material e do meio que não lhe é próprio, também os Espíritos de horizonte moral limitado não podem assimilar o conjunto e ainda se acham sob o império dos preconceitos e dos

sistemas. Não podem, pois, instruir-nos a respeito de tudo quanto se relacione com o mundo espírita, da mesma forma que um camponês não o poderia fazer em relação à alta sociedade parisiense ou ao mundo científico. Seria, portanto, fazer de nosso raciocínio um deplorável juízo pensar que escutamos todos os Espíritos como se fossem oráculos. Os Espíritos são o que são e nós não podemos alterar a ordem das coisas. Como nem todos são perfeitos, não aceitamos suas palavras senão com reservas e jamais com a credulidade infantil. Julgamos, comparamos, tiramos conseqüências de nossas observações e os seus próprios erros constituem ensinamentos para nós, pois não renunciamos ao nosso discernimento.

Essas observações aplicam-se igualmente a todas as teorias científicas que os Espíritos podem dar. Seria muito cômodo ter apenas que interrogá-los para encontrar a ciência pronta e acabada e possuir todos os segredos industriais. Só conquistaremos a ciência à custa de trabalho e de pesquisas. A missão dos Espíritos não é eximir-nos dessa obrigação. Aliás, não apenas estamos conscientes de que nem todos sabem tudo, como sabemos que entre eles, como sói acontecer entre os homens, existem pseudo-sábios, que julgam saber o que não sabem e falam daquilo que ignoram com imperturbável atrevimento. Pelo fato de um Espírito dizer que é o Sol que gira em torno da Terra, nem por isso essa teoria será mais verdadeira. Saibam, pois, aqueles que nos atribuem uma credulidade tão pueril, que tomamos toda opinião emitida por um Espírito como uma opinião pessoal; que não a aceitamos senão após havê-la submetido ao controle da lógica e dos meios de investigação que a própria ciência espírita nos fornece, meios que todos conhecemos.

Tal é, senhores, o fim a que se propõe a Sociedade. Certamente não me compete ensinar-lhes coisa alguma, embora me agrade recordá-lo aqui, a fim de que minhas palavras repercutam lá fora e ninguém se equivoque quanto ao seu verdadeiro sentido. De

minha parte sinto-me feliz por não ter tido senão que vos acompanhar neste caminho sério, que eleva o Espiritismo à categoria das ciências filosóficas. Vossos trabalhos já produziram frutos, mas os que produzirão mais tarde são incalculáveis se, como não duvido, vos mantiverdes em condições propícias para atrair os Espíritos bons ao vosso meio.

O concurso dos Espíritos bons é, com efeito, a condição sem a qual ninguém pode esperar a verdade; ora, depende de nós obter esse concurso. A primeira de todas as condições para granjearmos a sua simpatia é o recolhimento e a pureza das intenções. Os Espíritos sérios comparecem onde são chamados seriamente, com fé, fervor e confiança. Não gostam de servir de experiência nem de dar espetáculo; ao contrário, gostam de instruir aqueles que os interrogam sem pensamento preconcebido. Os Espíritos levianos, que se divertem de todas as maneiras vão a toda parte e, de preferência, aonde encontram ocasião para mistificar; os maus são atraídos pelos maus pensamentos, e por maus pensamentos devemos entender todos aqueles que não se acham de acordo com os preceitos da caridade evangélica. Em toda reunião, portanto, aquele que albergar sentimentos contrários a esses preceitos traz consigo Espíritos desejosos de semear a perturbação, a discórdia e o desamor.

A comunhão de pensamentos e de sentimentos para o bem é, desse modo, uma condição de primeira necessidade, não podendo ser encontrada num meio heterogêneo onde têm acesso as paixões inferiores do orgulho, da inveja e do ciúme, paixões que sempre se revelam pela malevolência e pela acrimônia de linguagem, por mais espesso seja o véu com que se procure cobri-las; é o á-bê-cê da ciência espírita. Se quisermos fechar aos Espíritos maus a porta desse recinto, fechemo-lhes primeiramente a porta de nossos corações e evitemos tudo quanto lhes possa outorgar poder sobre nós. Se algum dia a Sociedade se tornasse joguete de Espíritos mistificadores, é que a ela teriam sido atraídos.

Por quem? Por aqueles nos quais encontrassem eco, pois só comparecem onde sabem que serão ouvidos. Conhecemos o provérbio: *Diz-me com quem andas e te direi quem és*. Podemos parodiá-lo em relação aos nossos Espíritos simpáticos, dizendo assim: *Diz-me o que pensas e te direi com quem andas*. Ora, os pensamentos se traduzem por atos. Se admitirmos que a discórdia, o orgulho, a inveja e o ciúme só podem ser insuflados pelos Espíritos maus, aqueles que aqui trouxessem elementos de desunião suscitariam entraves, acusando, por isso mesmo, a natureza de seus satélites ocultos, e não poderíamos senão lamentar a sua presença no seio da Sociedade. Queira Deus que isso jamais aconteça, como o espero. Auxiliados pelos Espíritos bons, se a eles nos tornarmos favoráveis a Sociedade se consolidará, tanto pela consideração que tiver merecido, quanto pela utilidade de seus trabalhos.

Se tivéssemos em vista apenas experiências voltadas para a satisfação da curiosidade, a natureza das comunicações seria mais ou menos indiferente, pois somente as tomaríamos pelo que elas representam. Como, porém, em nossos estudos não buscamos uma diversão, nem para nós nem para o público, o que queremos são comunicações verdadeiras. Para isso, necessitamos da simpatia dos Espíritos bons, e tal simpatia só é adquirida pelos que afastam os maus com a sinceridade de suas almas. Dizer que Espíritos levianos jamais se tenham imiscuído conosco, a fim de ocultar o nosso lado vulnerável, seria muita presunção de perfeição; os Espíritos superiores chegam mesmo a permiti-lo, a fim de experimentar a nossa perspicácia e o nosso zelo na pesquisa da verdade. O nosso raciocínio, porém, deve pôr-nos em guarda contra as armadilhas que nos podem ser estendidas e, em todos os casos, nos fornece os meios de evitá-la.

O objetivo da Sociedade não consiste apenas na pesquisa dos princípios da ciência espírita; vai mais longe: estuda também as suas conseqüências morais, pois é principalmente nelas que encontra a sua verdadeira utilidade.

Ensinam nossos estudos que o mundo invisível que nos circunda reage constantemente sobre o mundo visível; eles no-lo mostram como uma das potências da Natureza. Conhecer os efeitos dessa força oculta que nos domina e subjuga mau grado nosso, não será ter a chave de mais de um problema, a explicação de uma multidão de fatos que passam despercebidos? Se esses efeitos podem ser funestos, conhecer a causa do mal não será ter um meio de preservar-se contra ele, como o conhecimento da eletricidade possibilitou-nos atenuar os efeitos desastrosos do raio? Se então sucumbirmos não poderemos queixar senão de nós mesmos, visto não termos a ignorância como desculpa. O perigo está no domínio que os Espíritos maus exercem sobre os indivíduos, e esse domínio não é apenas funesto do ponto de vista dos erros de princípio que podem propagar, mas, também, do ponto de vista dos interesses materiais. Ensina a experiência que jamais é impunemente que nos abandonamos à sua dominação, desde que suas intenções nunca podem ser boas. Para chegar a tal fim, uma de suas táticas é a desunião, porque sabem muito bem que podem facilmente dominar quem se encontra privado de apoio. Assim, quando querem apoderar-se de alguém, o seu primeiro cuidado é sempre inspirar-lhe a desconfiança e o isolamento, a fim de que ninguém os possa desmascarar, esclarecendo as pessoas prejudicadas com conselhos salutares. Uma vez senhores do terreno, podem fasciná-las à vontade, através de promessas sedutoras, e subjugá-las por meio da lisonja às suas inclinações, aproveitando os lados fracos que descobrem para, em seguida, melhor fazê-las sentir a amargura das decepções, feri-las em seus afetos, humilhá-las em seu orgulho e, muitas vezes, soerguê-las por um instante tão-só para precipitá-las de mais alto.

Eis aí, senhores, o que nos mostram os exemplos que a cada instante se desdobram aos nossos olhos, tanto no mundo dos Espíritos quanto no mundo corpóreo, situação que podemos aproveitar para nós próprios, ao mesmo tempo que procuramos torná-la proveitosa aos outros. No entanto, perguntarão, não

iremos atrair os Espíritos maus, evocando criaturas que pertenceram à escória da sociedade? Não, porque jamais sofremos a sua influência. Só há perigo quando é o Espírito que se *impõe*; nunca, porém, quando somos nós que *nos impomos* a ele. Sabeis perfeitamente que esses Espíritos não acodem ao vosso chamado senão constringidos e forçados; que, em geral, se acham tão incomodados em vosso meio que sempre têm pressa em retirar-se. Para nós sua presença é objeto de estudo, porque para conhecer é preciso ver tudo. O médico só chega ao apogeu do saber quando explora as chagas mais repugnantes. Ora, essa comparação do médico é muito justa, desde que sabeis a quantidade de chagas que temos cicatrizado e os sofrimentos que aliviamos. Nosso dever é mostrar-nos caridosos e benevolentes com os seres de além-túmulo, assim como devemos proceder com os nossos semelhantes.

Senhores, pessoalmente eu desfrutaria de um privilégio inconcebível se tivesse ficado ao abrigo da crítica. Não nos pomos em evidência sem nos expormos aos dardos daqueles que não pensam como nós. Mas há duas espécies de crítica: uma que é malévola, acerba, envenenada, onde a inveja se trai em cada palavra; a outra, que visa à sincera pesquisa da verdade, tem características completamente diversas. A primeira não merece senão o desdém; jamais com ela me incomodei. Somente a segunda é discutível.

Algumas pessoas disseram que fui muito precipitado nas teorias espíritas, que ainda não era tempo de estabelecê-las e que as observações não se achavam ainda bastante completas. Permitti-me algumas palavras sobre o assunto.

Duas coisas devem ser consideradas no Espiritismo: a parte experimental e a parte filosófica, ou teórica. Abstração feita do ensino dos Espíritos, pergunto se, em meu nome, não tenho o direito, como qualquer outra pessoa, de lucubrar um sistema filosófico. O campo das opiniões não se encontra aberto a todo

mundo? Por que, então, não poderia dar a conhecer o meu? Compete ao público julgar se ele tem ou não tem sentido. Mas essa teoria, em vez de me conferir qualquer mérito, se mérito existe, eu declaro que emana inteiramente dos Espíritos. – Seja, dirão alguns, mas estais indo muito longe. Aqueles que pretendem dar a chave dos mistérios da Criação, desvendar o princípio das coisas e da natureza infinita de Deus, não vão muito mais longe do que eu, que declaro, da parte dos Espíritos, que não é dado ao homem aprofundar essas coisas, sobre as quais não podemos estabelecer senão conjecturas mais ou menos prováveis. – Andais muito depressa. – Seria um erro tomar a dianteira de certas pessoas? Aliás, quem as impede de caminhar? – Os fatos não se acham ainda perfeitamente observados. – Mas se eu, certo ou errado, creio tê-los observado suficientemente, devo esperar a boa vontade daqueles que ficaram para trás? Minhas publicações não barram o caminho a ninguém.

– Estando os Espíritos sujeitos a erro, quem garante que aqueles que vos ensinaram não se terão enganado? – Com efeito, toda a questão se resume nisso, considerando-se que a objeção de precipitação é muito pueril. Pois bem! Devo dizer em que se funda a minha confiança na veracidade e na superioridade dos Espíritos que me instruíram. Primeiramente direi que, conforme o seu conselho, nada aceito sem controle e sem exame; não adoto uma idéia senão quando me parece racional, lógica, concorde com os fatos e as observações e se nada de sério vem contradizê-la. Mas meu julgamento não poderá ser um critério infalível. O assentimento que encontrei da parte de numerosas pessoas mais esclarecidas do que eu me fornece a primeira garantia. Mas eu encontro outra, não menos preponderante, no caráter das comunicações que foram obtidas desde que me ocupo de Espiritismo. Posso dizer que jamais escapou uma só dessas palavras, um único desses sinais pelos quais sempre se traem os Espíritos inferiores, mesmo os mais astuciosos. Jamais dominação; jamais conselhos equívocos ou contrários à caridade e à

benevolência; jamais prescrições ridículas. Longe disso; neles não encontrei senão pensamentos generosos, nobres, sublimes, isentos de pequenez e de mesquinharia. Numa palavra: suas relações comigo, nas menores como nas maiores coisas, sempre foram de tal modo que, se tivesse sido um homem a me falar, eu o teria considerado o melhor, o mais sábio, o mais prudente, o mais moralizado e o mais esclarecido.

Eis aí, senhores, os motivos de minha confiança, corroborada pela identidade do ensino dado a uma porção de outras pessoas, antes e depois da publicação de minhas obras. O futuro dirá se estou certo ou errado. Enquanto isso, eu creio ter auxiliado o progresso do Espiritismo, trazendo algumas pedras ao seu edifício. Mostrando que os fatos podem assentar-se no raciocínio, terei contribuído para fazê-lo sair do atalho frívolo da curiosidade, a fim de fazê-lo adentrar no caminho sério da demonstração, isto é, na única via que pode satisfazer os homens que pensam e que não se detêm na superfície.

Termino, senhores, pelo rápido exame de uma questão de atualidade. Fala-se de outras sociedades que desejam rivalizar com a nossa. Dizem que uma já conta com trezentos membros e possui recursos financeiros apreciáveis. Prefiro crer que não seja uma fanfarrice, tão pouco lisonjeira para os Espíritos que a tivessem suscitado, quanto para aqueles que se lhe fizeram eco. Se for uma realidade, nós a felicitamos sinceramente, caso obtenha a necessária unidade de sentimentos para frustrar a influência dos Espíritos maus e consolidar a sua existência.

Ignoro completamente quais são os elementos da sociedade, ou das sociedades que dizem querer formar-se. Farei apenas uma observação geral.

Em Paris e alhures há uma porção de reuniões íntimas, como outrora foi a nossa, em que as pessoas se ocupam mais ou menos seriamente com as manifestações espíritas, sem falar dos

Estados Unidos, onde elas se contam aos milhares. Conheço algumas em que as evocações são feitas nas melhores condições, obtendo-se coisas notáveis. É a conseqüência natural do número crescente de médiuns, que se desenvolvem de todos os lados, a despeito dos sarcasmos; quanto mais avançarmos, mais esses centros se multiplicarão. Formados espontaneamente de elementos muito pouco numerosos e variáveis, tais centros nada têm de fixo ou de regular e não constituem sociedades propriamente ditas. Para uma sociedade regularmente organizada são necessárias condições de vitalidade muito diferentes, justamente em razão do número de pessoas que a compõem, de sua estabilidade e de sua permanência. A primeira de todas é a *homogeneidade* de princípios e da maneira de ver. Toda sociedade composta de elementos heterogêneos traz em si o germe da dissolução; podemos considerá-la morta por antecipação, seja qual for o seu objetivo: político, religioso, científico ou econômico.

Uma sociedade espírita requer outra condição – a assistência dos Espíritos bons – se quisermos obter comunicações sérias. A não ser assim, caso permitamos aos maus tomarem pé, não obteremos senão mentiras, decepções e mistificações. Esse é o preço de sua própria existência, visto que os maus serão os primeiros agentes de sua destruição. Eles a minarão pouco a pouco, caso não a façam desabar logo de início. Sem homogeneidade, nada de comunhão de pensamentos e, portanto, nada da calma nem do recolhimento que se deseja. Ora, os bons só comparecem onde encontram essas condições; como encontrá-las numa reunião cujas crenças são divergentes, onde alguns membros nem mesmo crêem e, em conseqüência, o espírito de oposição e de controvérsia domina incessantemente? Eles só assistem aqueles que desejam ardentemente esclarecer-se para o bem, sem pensamento preconcebido, e não para satisfazer a vã curiosidade. Querer formar uma sociedade espírita fora dessas condições seria dar provas da mais absoluta ignorância dos princípios mais elementares do Espiritismo.

Seríamos os únicos capazes de as reunir? Seria lastimável e muito ridículo assim pensar. O que fizemos, por certo outros poderão fazê-lo. Que outras sociedades se ocupem, portanto, de trabalhos iguais aos nossos, que prosperem e se multipliquem mil vezes melhor, porque será um sinal de progresso nas idéias morais; tanto melhor, sobretudo se forem bem assistidas e se tiverem boas comunicações, pois não temos a pretensão de ser os únicos privilegiados nesse campo. Como só visamos à nossa instrução pessoal e ao interesse da ciência, que nossa sociedade não oculte nenhum pensamento de especulação, *nem direto nem indireto*, nenhuma visão ambiciosa; que sua existência não repouse sobre uma questão de dinheiro e que as demais sociedades sejam consideradas como irmãs nossas, e não como concorrentes. Se formos invejosos, provaremos que somos assistidos pelos Espíritos maus. Caso uma dessas sociedades se formasse tendo em vista a nos criar rivalidade, com a idéia preconcebida de nos suplantar, revelaria, por seu objetivo, a própria natureza dos Espíritos que presidiram à sua formação, já que esse pensamento não seria bom, nem caridoso, nem os Espíritos bons simpatizam com os sentimentos de ódio, ciúme e ambição.

De mais a mais, temos um meio infalível para não temer nenhuma rivalidade. É São Luís que no-lo oferece: *Que entre vós haja compreensão e amor* – disse-nos ele. Trabalhem, pois, para nos compreendermos; lutemos com os outros, mas lutemos com caridade e abnegação. Que o amor do próximo esteja inscrito em nossa bandeira e seja a nossa divisa. Com isso afrontaremos a zombaria e a influência dos Espíritos maus. Nesse terreno, tanto melhor que se nos igualem, pois serão irmãos que chegam; depende apenas de nós, no entanto, jamais sermos ultrapassados.

Mas, dirão, tendes uma maneira de ver que não é a nossa; não podemos simpatizar com princípios que não admitimos, pois nada prova que estejais com a verdade. A isso responderei: Nada prova que estejais mais certos do que nós, porque ainda

duvidais e a dúvida não é uma doutrina. Pode-se diferir de opinião sobre pontos da ciência sem se morder nem atirar pedras, o que seria pouco digno e pouco científico. Procurai, pois, do vosso lado, como pesquisamos do nosso. O futuro dará razão a quem de direito. Se nos enganarmos, o tolo amor-próprio não nos tornará obstinados por idéias falsas. Há, porém, princípios sobre os quais temos certeza de não estar enganados: é o amor do bem, a abnegação, a abjuração de todo sentimento de inveja e de ciúme. Esses são os nossos princípios; com eles podemos sempre simpatizar sem nos comprometermos; é o laço que deve unir todos os homens de bem, seja qual for a divergência de suas opiniões. Somente o egoísmo interpõe uma barreira intransponível.

Tais são, senhores, as observações que julguei por bem apresentar-vos, ao deixar as funções que me houvestes confiado. Agradeço do fundo do coração a todos aqueles que me testemunharam simpatia. Aconteça o que acontecer, minha vida está consagrada à obra que empreendemos e sentir-me-ei feliz se meus esforços puderem ajudar a fazê-la entrar no caminho sério que é a sua essência, o único que lhe pode assegurar o futuro. A finalidade do Espiritismo é tornar melhores os que o compreendem. Esforcemo-nos por dar o exemplo e mostremos que, para nós, a doutrina não é uma letra morta. Numa palavra, sejamos dignos dos Espíritos bons, se quisermos que eles nos assistam. O bem é uma couraça contra a qual virão sempre se quebrar as armas da malevolência.

Allan Kardec

Boletim

DA SOCIEDADE PARISIENSE DE ESTUDOS ESPÍRITAS

Daqui em diante publicaremos regularmente o relato das sessões da Sociedade. Esperávamos fazê-lo a partir deste número,

mas a abundância de matérias nos obriga a adia-lo para a próxima edição. Os sócios que não residem em Paris e os membros correspondentes poderão, assim, acompanhar os trabalhos da Sociedade. Hoje limitamo-nos a dizer que o Sr. Allan Kardec, a despeito da intenção expressa em seu discurso de encerramento – de renunciar à presidência, quando da renovação de sua diretoria – foi reeleito por unanimidade, à exceção de um voto contrário e uma abstenção.

Ele julgou deselegante sustentar essa decisão diante de um testemunho deveras lisonjeiro. Contudo, só o aceitou condicionalmente e sob reserva *expressa* de demitir-se de suas funções no momento em que a Sociedade estiver em condições de oferecer a presidência a alguém, cujo nome e posição social sejam capazes de imprimir-lhe maior relevo. Seu desejo era poder consagrar todo o seu tempo aos trabalhos e aos estudos que vem desenvolvendo.¹³

Conversas Familiares de Além-Túmulo

NOTÍCIAS DA GUERRA

O Governo permitiu que jornais avessos à política dessem notícias da guerra; como, porém, são abundantes os relatos de todos os gêneros, seria inútil repeti-los aqui. O que talvez constitua mais novidade para os nossos leitores é um relato que procede do outro mundo. Embora não seja extraído da fonte oficial do *Moniteur*, nem por isso oferece menor interesse, do ponto de vista dos nossos estudos. Assim, pensamos em interrogar algumas das gloriosas vítimas da vitória, presumindo aí pudéssemos encontrar alguma instrução de utilidade. Tais assuntos de observação e, sobretudo, de atualidade, não se apresentam todos os

13 **N. do T.:** Parece que esse momento jamais chegaria, pois Allan Kardec, mau grado seu, permaneceu à frente da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos até a sua desencarnação, em 1869.

dias. Não conhecendo pessoalmente nenhum dos participantes da última batalha, rogamos aos Espíritos assistentes que nos enviassem alguém. Pensamos até mesmo encontrar mais liberdade num desconhecido do que na presença de amigos ou parentes dominados pela emoção. Logrando resposta afirmativa, obtivemos as seguintes conversas:

O ZUAVO DE MAGENTA

PRIMEIRA CONVERSA – (Sociedade, 10 de junho de 1859)

1. Rogamos a Deus Todo-Poderoso permitir ao Espírito de um dos militares mortos na batalha de Magenta que se comunique conosco.

Resp. – Que quereis saber?

2. Onde vos encontráveis quando vos chamamos?

Resp. – Não saberia dizer.

3. Quem vos preveniu que desejaríamos nos entreter convosco?

Resp. – Alguém mais astuto do que eu.

4. Quando na carne duvidáveis que os mortos pudessem vir conversar com os vivos?

Resp. – Oh! Isso não!

5. Que sensação experimentais por vos encontrardes aqui?

Resp. – Isso me dá prazer; conforme dizem, deveis fazer grandes coisas.

6. A que Corpo do Exército pertencíeis? [Alguém diz em voz baixa: Pela linguagem deve ser um zuzu.]

Resp. – Ah! Dissestes bem.

7. Qual era o vosso posto?

Resp. – O de todo o mundo.

8. Como vos chamáveis?

Resp. – Joseph Midard.

9. Como morrestes?

Resp. – Quereis saber tudo sem nada pagar?

10. Ora, vamos! Não perdestes o vosso bom humor. Falai primeiro; depois pagaremos. Como morrestes?

Resp. – De uma ameixa que dispararam contra mim.

11. Ficastes contrariado com a morte?

Resp. – Não! palavra de honra! Estou bem aqui.

12. No momento da morte percebestes logo que havíeis morrido?

Resp. – Não; eu estava tão atordoado que não podia acreditar.

Observação – Isto concorda com o que temos observado nos casos de morte violenta; não se dando conta imediatamente de sua situação, o Espírito não se julga morto. Esse fenômeno se explica muito facilmente; é análogo ao dos sonâmbulos que não acreditam que estejam dormindo. Realmente, para o sonâmbulo, a idéia de sono é sinônimo de suspensão das faculdades intelectuais. Ora, como ele pensa, não acredita que dorme; só mais tarde reconhece a verdade, ao se familiarizar com o sentido ligado a essa palavra. Acontece a mesma coisa com o Espírito surpreendido por morte súbita, quando não se havia preparado para a separação do corpo. Para ele a morte é sinônimo de destruição, de aniquilamento. Ora, desde que vê, sente e raciocina, julga não ter morrido. É necessário certo tempo para poder reconhecer-se.

13. No momento em que morrestes a batalha não havia ainda terminado. Acompanhastes as suas peripécias?

Resp. – Sim, pois já vos disse que não me julgava morto; queria continuar maltratando os *cães* do outro lado.

14. Que sensação experimentáveis?

Resp. – Eu estava encantado; sentia-me muito leve.

15. Víeis os Espíritos dos vossos camaradas ao deixar o corpo?

Resp. – Não me preocupava com isso, pois não me julgava morto.

16. Nesse momento, em que se tornava essa multidão de Espíritos que deixava a vida no fragor da batalha?

Resp. – Creio que faziam o mesmo que eu.

17. Ao se acharem reunidos no mundo espiritual, que pensavam os Espíritos que se batiam mais encarniçadamente? Ainda revelavam animosidade uns contra os outros?

Resp. – Sim, durante algum tempo e conforme o seu caráter.

18. Reconhecei-vos melhor agora?

Resp. – Sem isso não me teriam enviado aqui.

19. Poderíeis dizer-nos se, entre os Espíritos de pessoas mortas há muito tempo, não se encontravam alguns interessados no desfecho da batalha? [Rogamos a São Luís que o auxiliasse em suas respostas, a fim de que, para a nossa instrução, fossem elas tão explícitas quanto possível.]

Resp. – Em grande quantidade. É bom saibais que esses combates e suas conseqüências são preparados com muita antecedência e que os nossos adversários não se envolveriam em crimes, como de fato ocorreu, se a isso não houvessem sido impelidos, tendo em vista as conseqüências futuras, que não tardareis a conhecer.

20. Deveria haver quem se interessasse pelo sucesso dos austríacos, estabelecendo dois campos entre eles?

Resp. – Evidentemente.

Observação – Não parece que aqui estamos vendo os deuses de Homero a tomar partido, uns pelos gregos, outros pelos troianos? Com efeito, quem eram esses deuses do paganismo, senão os Espíritos que os Antigos haviam transformado em divindades? Não temos razão quando dizemos que o Espiritismo é a luz que esclarecerá mais de um mistério, a chave de mais de um problema?

21. Eles exerciam uma influência qualquer sobre os combatentes?

Resp. – Muito considerável.

22. Poderíeis descrever a maneira pela qual eles exerciam essa influência?

Resp. – Da mesma maneira por que são exercidas todas as influências que os Espíritos produzem sobre os homens.

23. Que esperais fazer agora?

Resp. – Estudar mais do que o fiz durante minha última etapa.

24. Retornareis para assistir, como espectador, aos combates que ainda se travam?

Resp. – Ainda não sei. Tenho afeições que me prendem no momento. Contudo, de vez em quando pretendo dar umas escapadelas para me divertir com as escaramuças subseqüentes.

25. Que gênero de afeição vos retém ainda?

Resp. – Uma velha mãe doente e sofredora, que chora por mim.

26. Peço me desculpeis o mau pensamento que acaba de me atravessar o Espírito, relativamente à afeição que vos retém.

Resp. – Não vos quero mal por isso. Falo tolices para que possais rir um pouco. É natural que não me tomeis por grande coisa, tendo em vista o honroso corpo a que pertencia. Ficai tranqüilos, eu só me engajei por causa de minha pobre mãe. Mereço um pouco que me tenham mandado a vós.

27. Quando vos encontrastes entre os Espíritos ouvíeis o rumor da batalha? Víeis as coisas tão claramente como em vida?

Resp. – A princípio eu a perdi de vista, mas depois de algum tempo via muito melhor, porque percebia todas as artimanhas.

28. Pergunto se ouvíeis o troar dos canhões.

Resp. – Sim.

29. No momento da ação, pensáveis na morte e naquilo em que vos tornaríeis, caso fôsseis morto?

Resp. – Eu pensava no que seria de minha mãe.

30. Era a primeira vez que entráveis no fogo de uma batalha?

Resp. – Não, não; e a África?

31. Vistes a entrada dos franceses em Milão?

Resp. – Não.

32. Aqui sois o único dos que morreram na Itália?

Resp. – Sim.

33. Pensais que a guerra durará muito?

Resp. – Não. É fácil e, ademais, de pouco valor essa predição.

34. Quando entre os Espíritos vedes um de vossos chefes, ainda o reconheceis como vosso superior?

Resp. – Se ele o for, sim; se não, não.

Observação – Em sua simplicidade e em seu laconismo, esta resposta é eminentemente profunda e filosófica. No mundo espírita a superioridade moral é a única que se reconhece. Quem não a teve na Terra, qualquer que tenha sido a sua posição, não terá nenhuma superioridade. Naquele mundo o chefe pode estar abaixo

do soldado, o patrão em posição inferior à do servo. Que lição para o nosso orgulho!

35. Pensais na justiça de Deus e vos inquietais por isso?

Resp. – Quem não pensaria? Mas, felizmente, não tenho muito a temer. Resgatei, por algumas ações que Deus considerou boas, as raras escapadelas que pude cometer na qualidade de zuzu, conforme dissestes.

36. Assistindo a um combate, poderíeis proteger um de vossos camaradas e desviar-lhe um golpe fatal?

Resp. – Não; isso não está em nosso poder; a hora da morte é marcada por Deus. Se devemos passar por ela, nada o poderá impedir, como ninguém a poderia atingir se sua hora não houvesse soado.

37. Vedes o General Espinasse?

Resp. – Ainda não o vi, mas espero vê-lo em breve.

SEGUNDA CONVERSA – (17 de junho de 1859)

38. Evocação.

Resp. – Presente! Firme! Em frente!

39. Lembrais de ter vindo aqui há oito dias?

Resp. – Claro!

40. Dissestes ainda não ter visto o General Espinasse; como poderíeis reconhecê-lo, já que ele não estará envergando o seu hábito de general?

Resp. – De fato, mas eu o conheço de vista; além disso, temos uma porção de amigos sempre prontos a nos dar a senha. Aqui não é como aí, pois não temos medo de trombar com ninguém e vos asseguro que somente os velhacos ficam sozinhos.

41. Sob que aparência vos encontráis aqui?

Resp. – Zuavo.

42. Se vos pudéssemos ver, como vos veríamos?

Resp. – De turbante e culote.

43. Pois bem! Supondo-se que nos aparecêsseis de turbante e culote, perguntamos onde adquiristes essas roupas, considerando-se que deixastes as vossas no campo de batalha.

Resp. – Ora essa! Não sei de nada; tenho um alfaiate que me consegue algumas.

44. De que são feitos o turbante e o culote que usais? Tendes alguma idéia?

Resp. – Não; isto concerne ao negociante de roupas usadas.

Observação – Esta questão da vestimenta dos Espíritos, e várias outras não menos interessantes que se ligam ao mesmo princípio, são completamente elucidadas por novas observações, feitas no seio da Sociedade. Delas daremos conta no próximo número. Nosso bravo zuavo não se acha assaz adiantado para resolver por si mesmo. Para isso foi-nos necessário o concurso de circunstâncias que se apresentaram fortuitamente e que nos puseram no caminho certo.

45. Dai-vos conta da razão por que nos vedes, ao passo que não vos podemos ver?

Resp. – Acho que vossos óculos estão muito fracos.

46. Não será por essa mesma razão que não podeis ver o general em uniforme?

Resp. – Sim, mas ele não o veste todos os dias.

47. Em que dias o veste?

Resp. – Ora essa! Quando o chamam ao palácio.

48. Por que estais aqui vestido de zuavo, já que não vos podemos ver?

Resp. – Naturalmente porque ainda sou zuavo, lá se vão quase oito anos e, também, porque entre os Espíritos conservamos a forma durante muito tempo. Mas isso é apenas entre nós; compreendeis que quando vamos a um mundo completamente estranho, como a Lua ou Júpiter, não nos damos muito ao trabalho de fazer toaleta.

49. Falais da Lua e de Júpiter; já os visitastes depois de morto?

Resp. – Não; não me compreendeis. Depois da morte já percorremos bastante o Universo. Não nos explicaram uma porção de problemas da nossa Terra? Não conhecemos Deus e os outros seres muito melhor do que há quinze dias? Com a morte o Espírito passa por uma metamorfose que não podeis compreender.

50. Revistes o corpo que deixastes no campo de batalha?

Resp. – Sim; ele não está nada belo.

51. Que impressão vos deixou tal visão?

Resp. – Tristeza.

52. Tendes conhecimento de vossa existência anterior?

Resp. – Sim; mas não era bastante gloriosa para que eu possa envaidecer-me.

53. Dizei-nos apenas o gênero de vida que levastes.

Resp. – Simples mercador de peles selvagens.

54. Agradecemos por haverdes voltado uma segunda vez.

Resp. – Até breve. Isto me diverte e me instrui; desde que me tolerem bem aqui, retornarei de bom grado.

**UM OFICIAL SUPERIOR MORTO EM MAGENTA
(Sociedade, 10 de junho de 1859)**

1. Evocação.

Resp. – Eis-me aqui.

2. Poderíeis dizer-nos como atendestes tão prontamente ao nosso apelo?

Resp. – Eu estava prevenido do vosso desejo.

3. Por quem fostes prevenido?

Resp. – Por um emissário de Luís.¹⁴

4. Tíneis conhecimento da existência de nossa Sociedade?

Resp. – Vós o sabeis.

Observação – O oficial em questão tinha realmente auxiliado a Sociedade para a obtenção do seu registro de funcionamento.¹⁵

5. Sob que ponto de vista consideráveis a nossa Sociedade quando concorrestes para a sua formação?

Resp. – Eu não estava ainda inteiramente decidido, mas me inclinava muito a crer; não fossem os acontecimentos que sobrevieram, por certo teria ido instruir-me no vosso círculo.

6. Há criaturas deveras notáveis que comungam as idéias espíritas, mas que não o confessam de público. Seria desejável que as pessoas influentes desfraldassem abertamente essa bandeira?

14 **N. do T.:** São Luís [Luís IX, Rei da França] patrono da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas.

15 **N. do T.:** Desde 1854, quando pela primeira vez ouviu falar das mesas girantes, até a sua desencarnação, em 1869, Allan Kardec conviveu com a França de Napoleão III. Esse sobrinho do grande corso, através de um Golpe de Estado desferido em dezembro de 1851, abriu caminho para ser proclamado Imperador no ano seguinte. Reconhecendo intimamente a fragilidade do regime que fundara, adotou medidas coercitivas e autoritárias de modo a garantir a sua permanência no poder, entre as quais a censura à imprensa e a proibição de reuniões em recintos fechados, além de outros expedientes que restringiam a liberdade do povo francês. Assim, compreendemos melhor por que o Codificador encontrou alguns obstáculos para registrar a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas nos organismos oficiais competentes.

Resp. – Paciência; Deus o quer e, desta vez, a expressão é verdadeira.

7. De que classe influente da sociedade pensais deverá partir em primeiro lugar o exemplo?

Resp. – No início, de algumas; depois, de todas.

8. Do ponto de vista do estudo, poderíeis dizer-nos se vossas idéias são mais lúcidas que as do zuavo que há pouco esteve aqui, embora ambos hajam falecido mais ou menos na mesma época?

Resp. – Muito. Aquilo que ele vos disse, testemunhando uma certa elevação de pensamento, foi-lhe soprado, porque ele é bom mas muito ignorante e um tanto leviano.

9. Ainda vos interessais pelo sucesso de nossos exércitos?

Resp. – Muito mais do que nunca, pois hoje conheço o seu objetivo.

10. Tende a bondade de definir o vosso pensamento; o objetivo sempre foi abertamente confessado e, sobretudo em vossa posição, devíeis conhecê-lo?

Resp. – O fim que Deus se propôs, vós o sabeis?

Observação – Ninguém desconhecerá a gravidade e a profundidade desta resposta. Assim, quando vivo, ele conhecia o objetivo dos homens; como Espírito, vê o que há de providencial nos acontecimentos.

11. Que pensais da guerra em geral?

Resp. – Desejo que progridais rapidamente, a fim de que ela se torne tão impossível quanto inútil. Eis a minha opinião.

12. Acreditais que chegará o dia em que ela será impossível e inútil?

Resp. – Sim, não tenho dúvida, e posso dizer que esse momento não está tão longe quanto pensais, embora não vos possa dar esperança de que o vereis.

13. Vós vos reconhecestes imediatamente no momento da morte?

Resp. – Quase que imediatamente, graças às vagas noções que possuía do Espiritismo.

14. Podeis dizer algo a respeito de M..., morto também na última batalha?

Resp. – Ele ainda se encontra enredado na matéria; sente muita dificuldade em se desvencilhar; seus pensamentos não se tinham voltado para este lado.

Observação – O conhecimento do Espiritismo auxilia o desprendimento da alma após a morte; assim, concebe-se que abrevie o período de perturbação que acompanha a separação; *o Espírito conhecia antecipadamente o mundo em que ora se encontra.*

15. Assististes à entrada de nossas tropas em Milão?

Resp. – Sim, e com alegria. Fiquei encantado pela ovação com que nossas armas foram acolhidas, a princípio por patriotismo; depois, pelo futuro que as aguarda.

16. Como Espírito, podeis exercer uma influência qualquer sobre as disposições estratégicas?

Resp. – Acreditais que isso não tenha sido feito desde o princípio, e tendes dificuldade de adivinhar por quem?

17. Como foi possível que os austríacos abandonassem tão rapidamente uma praça forte como Pavia?

Resp. – Medo.

18. Então estão desmoralizados?

Resp. – Completamente. De mais a mais, se agimos

sobre os nossos num sentido, deveis pensar que sobre eles age uma influência de outra natureza.

Observação – Aqui a intervenção dos Espíritos nos acontecimentos é inequívoca. Eles preparam os caminhos para a realização dos desígnios da Providência. Os Antigos teriam dito que era obra dos deuses; nós dizemos que é dos Espíritos, por ordem de Deus.

19. Podeis dar a vossa opinião sobre o General Giulay, como militar, pondo de lado qualquer sentimento nacionalista?

Resp. – Pobre, pobre general!

20. Voltaríeis de bom grado se vos pedíssemos?

Resp. –Estou à vossa disposição e prometo vir, mesmo sem ser chamado. A simpatia que eu nutria por vós não fez senão aumentar. Adeus.

Resposta à Réplica do Abade Chesnel no “Univers”

O jornal *Univers* inseriu, em seu número de 28 de maio último, a resposta que havíamos dado ao artigo do abade Chesnel sobre o Espiritismo, fazendo-a seguir de uma réplica deste último. Reproduzindo todos os argumentos do primeiro, menos a urbanidade da forma com que todo mundo concordou em fazer justiça, não poderíamos responder a esse segundo artigo senão repetindo o que já havíamos dito, o que nos parece totalmente inútil. O abade Chesnel esforça-se sempre por provar que o Espiritismo é, deve ser e não pode deixar de ser senão uma religião nova, porque dele decorre uma filosofia e porque nele nos ocupamos da constituição física e moral dos mundos. Sob esse aspecto, todas as filosofias seriam religiões. Ora, como os sistemas afluem em abundância e todos eles têm partidários mais ou menos

numerosos, isso restringiria singularmente o círculo do catolicismo. Não sabemos até que ponto seria imprudente e perigoso enunciar semelhante doutrina, porquanto é provocar uma cisão que não existe; é, pelo menos, dar-lhe uma idéia. Vede, um pouco, a que conseqüências chegais. Quando a Ciência veio contestar o sentido do texto bíblico dos seis dias da Criação, lançaram anátemas e disseram que era um ataque à religião. Hoje, que os fatos deram razão à Ciência, que já não há meios de os contestar a não ser negando a luz, a Igreja se pôs de acordo com a Ciência.

Suponhamos, então, que se tivesse dito que aquela teoria científica era uma religião nova, uma seita, porque *parecia* em contradição com os livros sagrados e porque lançava por terra uma interpretação dada há séculos, daí resultando que não era possível ser católico e adotar essas idéias novas. Pensemos, pois, a que se reduziria o número dos católicos, se fossem excluídos todos os que não acreditam que Deus fez a Terra em seis vezes vinte e quatro horas!

Sucede o mesmo com o Espiritismo. Se o olhais como uma religião nova, é que aos vossos olhos ele não é católico. Ora, acompanhai bem o nosso raciocínio. De duas uma: ou é uma realidade, ou uma utopia. Se é uma utopia, não há por que se preocupar com ele, já que cairá por si mesmo. Se é uma realidade, todos os raios não o impedirão de ser, da mesma forma que, outrora, a Terra jamais foi impedida de girar. Se, verdadeiramente, há um mundo invisível que nos circunda; se podemos entrar em comunicação com esse mundo e dele obter ensinamentos sobre o estado de seus habitantes – e todo o Espiritismo está aí contido – em pouco tempo isso parecerá tão natural como ver o Sol ao meio-dia ou encontrar milhares de seres vivos e invisíveis numa gota de água límpida. Essa crença se tornará tão comum que sereis forçados a vos render à evidência. Se aos vossos olhos essa crença é uma religião nova, ela está fora do catolicismo, porque não pode ser simultaneamente a religião católica e uma religião nova. Se, pela

força das coisas e da evidência, ela se generalizar – e não poderá deixar de ser assim, já que se trata de uma lei da Natureza – conforme o vosso ponto de vista não haveria mais católicos e vós mesmo não mais sereis católico, porque vos vereis forçado a agir como todo mundo.

Eis, senhor abade, o terreno sobre o qual nos arrasta a vossa doutrina, e ela é tão absoluta que já me gratificais com o título de sumo-sacerdote dessa religião, uma honra da qual eu não suspeitava. Mas ides mais longe: na vossa opinião, todos os médiuns são sacerdotes dessa religião. Aqui eu vos detenho em nome da lógica. Até agora havia-me parecido que as funções sacerdotais eram facultativas; que se era sacerdote apenas por um ato da própria vontade; que não se o era à revelia e em virtude de uma faculdade natural. Ora, a faculdade mediúmica é uma faculdade natural, que depende da sua organização, como a faculdade sonambúlica; não requer sexo, idade ou instrução, pois a encontramos nas crianças, nas mulheres e nos velhos, assim nos sábios como nos ignorantes. Seria compreensível que rapazes e moças fossem sacerdotes e sacerdotisas sem o querer e sem o saber? Em verdade, sr. abade, é abusar do direito de interpretar as palavras. Como já disse, o Espiritismo está fora de todas as crenças dogmáticas, com as quais não se preocupa. Não o consideramos senão como ciência filosófica, que nos explica uma porção de coisas que não compreendemos e, por isso mesmo, em vez de abafar as idéias religiosas, como certas filosofias, faz brotá-las naqueles em que elas não existem. Mas se a todo custo o quiserdes elevar ao nível de uma religião, vós mesmos o lançais num caminho novo. É o que compreendem perfeitamente muitos eclesiásticos que, longe de se deixarem arrastar para o cisma, se esforçam por conciliar as coisas, em virtude deste raciocínio: Se há manifestações do mundo invisível, isso não pode ocorrer senão pela vontade de Deus e nós não podemos ir contra a sua vontade, a menos que digamos que, neste mundo, aconteça alguma coisa sem a sua permissão, o que seria uma impiedade. Se eu tivesse a honra de ser

sacerdote, disto me serviria em favor da religião; dela faria uma arma contra a incredulidade e diria aos materialistas e ateus: Pedis provas? Ei-las: é Deus quem as envia.

Variedades

LORDE CASTLEREAGH E BERNADOTTE

Há cerca de quarenta anos aconteceu a seguinte aventura ao marquês de Londonderry, mais tarde lorde Castlereagh. Certo dia foi visitar um gentil-homem que privava da amizade de um de seus amigos, o qual residia num desses velhos castelos do norte da Irlanda, que os romancistas elegem para palco das aparições do outro mundo. O aspecto do apartamento do marquês estava em perfeita harmonia com o edifício. Com efeito, os vigamentos de madeira ricamente esculpidos e enegrecidos pelo tempo, o enorme arco da chaminé, semelhante à entrada de um túmulo, a tapeçaria pesada e repleta de pó que mascarava as estreitas janelas e circundava o leito, tudo era susceptível de dar uma feição melancólica aos pensamentos.

Lorde Londonderry examinou o seu dormitório e travou conhecimento com os antigos senhores do castelo que, retratados de pé nos quadros da parede, pareciam esperar a sua saudação. Depois de ter despedido o criado de quarto, foi deitar-se. Mal acabara de apagar a vela percebeu um raio de luz a iluminar o cortinado superior de seu leito. Convencido de que não havia fogo na grelha, que as cortinas estavam fechadas e que alguns minutos antes o quarto estava mergulhado na mais completa escuridão, supôs que um intruso ali houvesse penetrado. Voltando-se rapidamente para o lado de onde vinha a luz e, com grande espanto, viu a figura de uma bela criança, completamente nimbada de luz.

Convencido da integridade de suas faculdades, mas desconfiando de uma mistificação de um dos numerosos hóspedes

do castelo, lorde Londonderry avançou para a aparição, que se retirou de sua frente. À medida que se aproximava ela recuava, até que, chegando finalmente sob o sombrio arco da imensa chaminé, precipitou-se chão adentro e desapareceu.

Lorde Londonderry não dormiu naquela noite.

Resolveu não fazer nenhuma alusão ao que lhe tinha acontecido, até que tivesse examinado atentamente o semblante de todas as pessoas da casa. Durante o café, em vão procurou surpreender alguns sorrisos disfarçados, olhares de conivência e piscar de olhos, que geralmente denunciavam os autores dessas conspirações domésticas.

A conversação seguiu o seu curso ordinário; estava animada e nada revelava uma mistificação. Por fim o marquês não pôde resistir ao desejo de contar o que tinha visto. O senhor do castelo observou que o relato de lorde Londonderry devia parecer muito estranho aos que há muito tempo não visitavam o castelo e desconheciam as lendas da família. Então, voltando-se para lorde Londonderry, disse: “Vistes a *criança brilhante*; alegrai-vos, pois é o presságio de uma grande fortuna. Mas eu teria preferido que não se tratasse dessa aparição.”

Em outra ocasião lorde Castlereagh viu a criança brilhante na Câmara dos Comuns. No dia de seu suicídio ele teve uma aparição semelhante¹⁶. Sabe-se que este lorde, um dos principais membros do Ministério Harrowby e o mais obstinado perseguidor de Napoleão durante o seu revés, seccionou a própria carótida no dia 22 de agosto de 1823, morrendo instantaneamente.

Dizem que a surpreendente fortuna de Bernadotte lhe havia sido predita por uma necromante famosa, que também anunciara a de Napoleão I e desfrutava da confiança da Imperatriz Josefina.

16 Forbes Winslow – Anatomy of suicide, 1 vol. in-8º, p. 242. London, 1840.

Bernadotte estava convencido de que uma espécie de divindade tutelar se ligava a ele para o proteger. Talvez as tradições maravilhosas que cercaram o seu leito não fossem estranhas a esse pensamento, que jamais o abandonava. Com efeito, em sua família narrava-se uma antiga crônica segundo a qual uma fada, esposa de um de seus antepassados, havia predito que um rei ilustraria a sua posteridade.

Eis um fato que demonstra o quanto o maravilhoso havia conservado o seu império sobre o Espírito do rei da Suécia. Ele queria resolver à espada as dificuldades que a Noruega lhe opunha e enviar seu filho Oscar à frente de um Exército para aniquilar os rebeldes. O Conselho de Estado fez viva oposição a esse projeto. Certo dia em que Bernadotte acabava de travar uma animada discussão sobre o assunto, montou a cavalo e afastou-se da capital à disparada. Depois de longo percurso chegou às bordas de uma sombria floresta. De repente apresentou-se aos seus olhos uma velha mulher, vestida de maneira extravagante e com os cabelos em desalinho: – “Que quereis?” – perguntou bruscamente o rei. A feiticeira respondeu sem se desconcertar: – “Se Oscar combater nessa guerra que premeditas, não dará os primeiros golpes, mas os receberá.”

Impressionado por essa aparição e por essas palavras, Bernadotte voltou ao palácio. No dia seguinte, denotando ainda no rosto os sinais de uma longa vigília cheia de agitação, apresentou-se ao Conselho: “Mudei de opinião; negociaremos a paz, desde que em condições honrosas.”

Em sua *Vie de M. de Rancé*, fundador de La Trappe, conta Chateaubriand que um dia esse homem célebre, passeando na avenida do castelo de Veretz, julgou ver um grande incêndio que consumia as dependências destinadas às aves domésticas. Correu rápido para lá: o fogo diminuía à medida que ele se aproximava. A certa distância o braseiro transformou-se num lago de fogo, no

meio do qual se erguia a meio corpo uma mulher devorada pelas chamas.

Tomado de pavor, retomou correndo o caminho de casa. Ao chegar, as forças lhe faltaram, atirando-se semimorto na cama. Não foi senão depois de longo tempo que contou a visão, cuja mera lembrança o fazia empalidecer.

Esses mistérios pertencem à loucura? O Sr. Brière de Boismont parece atribuí-los a uma ordem de coisas mais elevada, e concordo com a sua opinião. Isso não desagrade ao meu amigo Dr. Lélut: prefiro acreditar no gênio familiar de Sócrates e nas vozes de Joana d'Arc a crer na demência do filósofo e da virgem de Domrémy.

Há fenômenos que ultrapassam a inteligência e que desconcertam as idéias recebidas, mas diante de cuja evidência é preciso que a lógica humana se incline humildemente. Nada é brutal, e sobretudo irrecusável, como um fato. Tal é a nossa opinião e, principalmente, a do Sr. Guizot:

“Qual a grande questão, a questão suprema que hoje preocupa os espíritos? É a questão levantada entre os que reconhecem e os que não reconhecem uma ordem sobrenatural, verdadeira e soberana, embora impenetrável à razão humana; é a questão levantada para chamar as coisas pelo seu nome, entre o *supernaturalismo* e o *racionalismo*. De um lado os incrédulos, os panteístas, os cépticos de toda sorte, os puros racionalistas; do outro, os cristãos.

“Com vistas à nossa salvação presente e futura, é necessário que a fé, o respeito e a submissão à ordem sobrenatural penetrem no mundo e na alma humana, nos grandes espíritos como nos espíritos simples, nas regiões mais elevadas como nas mais humildes. A influência real, verdadeiramente eficaz e regeneradora das crenças religiosas tem essa condição. Fora daí são superficiais e muito perto de tornar-se vãs.” [Guizot].

Não, a morte jamais haverá de separar para sempre, mesmo neste mundo, os eleitos que Deus recebeu em seu seio e os exilados que ficaram neste vale de lágrimas, *in hac lacrymarum valle*, para empregar as palavras melancólicas da *Salve Rainha*. Há horas misteriosas e benditas em que os mortos bem-amados se debruçam sobre aqueles que os pranteiam, murmurando-lhes aos ouvidos palavras de consolação e de esperança. O Sr. Guizot, esse Espírito severo e metódico, tem razão de professar: “*Fora daí as crenças religiosas são superficiais e muito perto de tornar-se vãs.*”

Sam. (Extraído da *Patrie*, de 5 de junho de 1859.)

O que é o Espiritismo?

INTRODUÇÃO AO CONHECIMENTO DO MUNDO INVISÍVEL OU DOS ESPÍRITOS,
CONTENDO OS PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DA DOUTRINA ESPÍRITA E A
RESPOSTA A ALGUMAS OBJEÇÕES PREJUDICIAIS.

por ALLAN KARDEC

Autor de *O Livro dos Espíritos* e diretor da *Revista Espírita*.

Grand in-8 - Preço: 60 c.¹⁷

As pessoas que do Espiritismo não possuem senão um conhecimento superficial, são naturalmente levadas a fazer certas perguntas, cujo estudo completo sem dúvida lhes daria a solução, mas o tempo e, muitas vezes, a vontade, lhes faltam para se entregarem a observações continuadas. Antes de empreenderem essa tarefa desejariam ao menos saber do que se trata e se vale a pena ocupar-se dela. Assim, pareceu-nos útil apresentar, num quadro restrito, a resposta a algumas perguntas fundamentais que nos são diariamente endereçadas. Para o leitor será uma primeira iniciação e, para nós, tempo ganho pela dispensa de repetir constantemente a mesma coisa. A forma de diálogo nos pareceu mais conveniente, porque não tem a aridez do dogmatismo puro.

¹⁷ Todas as obras do Sr. Allan Kardec se acham nas casas Ledoyen, Dentu e na redação da *Revista*.

Terminamos essa introdução por um resumo que permitirá apreender, numa leitura rápida, o conjunto dos princípios fundamentais da ciência. Aqueles que, depois dessa rápida exposição, julgarem o assunto digno de atenção, poderão aprofundar-se com conhecimento de causa. Na maioria das vezes as objeções se originam das idéias falsas que fazemos *a priori* sobre aquilo que não conhecemos. Retificar tais idéias é prevenir as objeções: tal é o objetivo a que nos propusemos ao publicar esse livrete.

Em pouco tempo e com pouca despesa as pessoas estranhas ao Espiritismo nele encontrarão os meios de adquirir uma idéia do assunto, e as que já são iniciadas, a maneira de resolverem as principais dificuldades com que se defrontam. Contamos com o concurso de todos os amigos desta ciência para auxiliarem a difundir esse breve resumo.

Allan Kardec

